



# Vila Verde – o que ver e visitar

A primeira notícia sobre Vila Verde remonta ao século X e constitui, talvez, a mais antiga documentação do topónimo Vila Verde, ou um dos raríssimos casos em que este topónimo surge antes da nacionalidade, pois quase na totalidade dos casos revela-se posterior ao século XI.

Nessa altura, boa parte do território do actual concelho aparece na posse da poderosa família da condessa Mumadona, tanto por si própria como pela do marido desta, o conde Hermenegildo Gonçalves, cujo pai, conde Gonçalo Betotes era já muito herdado no século IX desde o Douro, talvez Minho.

Durante o século XI nota-se no território do actual concelho uma espécie de logradouro da alta nobreza portugalense, na correspondência da estirpe da condessa Mumadona, no século anterior.

Relativamente à actual vila, sede de concelho, há um documento pré-nacional de 1089 que diz respeito à venda, que fez à igreja de Santo António, uma dama de nome Eldara Eriz. Outro documento dos princípios da nacionalidade, de 1120, fala da doação que D. Maior Mides faz à Sé bracarense de herdamentos eclesiásticos e laicais herdados por ela de seus pais, Mido Vermudes e «donna» Godo Pais e outros por ela adquiridos.

O mais relevante da vida documentada nos séculos X a XII no território do actual concelho concentra-se à roda do velho castro ou «civitas» originária, o mesmo é dizer-se nas imediações de Vila Verde dos nossos dias.

Até ao século XVII a freguesia de Vila Verde não se distinguiu das outras do concelho a que pertencia.

Porém, nos princípios do século XVIII parece que estava já nela a sede do concelho de Vila Chã, com uma importante feira mensal e, desde aí, em progresso contínuo, veio mesmo a adquirir, em 1855, com os governos liberais, o estatuto de sede de um populoso e vasto concelho.

Actualmente, Vila Verde mantém os seus traços eminentemente agrícolas, para cuja fertilização contribuem, de maneira decisiva, os muitos cursos de água que o atravessam em todas as direcções. À actividade agrícola anda associada a exploração pecuária, pelo que uma e outra marcam lugar de relevo na economia regional.

Dos seus produtos se abastece a população, sendo os restantes comercializados nas feiras do concelho ou canalizados para os mercados de Braga. De entre esses produtos merece especial destaque o vinho verde ali produzido cuja qualidade beneficia das excelentes condições para o seu cultivo.

A parte industrial é reduzida mas, ainda assim, a especificidade de uma cultura técnica, acumulada ao longo dos tempos, evidencia-se na produção do mais variado artesanato de elevada qualidade.

## Concelho

Visitar o concelho de Vila Verde é deixar-se surpreender com o fervor e a devoção das suas gentes nas festas e romarias, onde se associam os elementos etnográficos e o riquíssimo património religioso patente nos santuários e igrejas disseminadas pelo município. São exemplos a peregrinação à N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Alívio, em Soutelo, as festas da N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Bom Despacho, em Cervães, as festas concelhias de Santo António, em Vila Verde e a benção dos animais de Santo António de Mixões da Serra, em Valdreu.

É surpreender-se deixando a história e a arte falarem no Pelourinho e Ponte de Prado, na Vila de Prado; na Torre de Penagate, em Carreiras S. Miguel; na Casa da Torre, em Soutelo; nos frescos da Igreja Velha, em Vila Verde; no Fojo do Lobo, em Gondomar; na igreja de Coucieiro; na via Romana XIX; nos caminhos de Santiago; nos aglomerados rurais da Pequenina e Nogueira, em Aboim da Nóbrega e Gondomar; nas lendas do Dente-Santo e das Cobras do expostas do Santuário do Alívio, em Aboim da Nóbrega e Soutelo, respectivamente.

É surpreender-se com a manifestação de amor contida nos “Lenços de Namorados”, bordados, em tempos, por raparigas enamoradas, expostos e produzidos na Aliança Artesanal. Estas são algumas das sugestões que constituem os motivos principais da escolha para visitar o concelho de Vila Verde.

A beleza natural, fielmente traduzida no seu nome, Vila Verde, é recheada de grandes variedades de perspectivas visuais, sejam os caminhos cobertos com ramadas de videiras ou os aglomerados rurais de montanha, seja nos percursos viários de onde, regra geral, se vislumbram extensos panoramas.

Assenta este facto na diversidade morfológica, onde, a Norte, a barreira montanhosa forma um anfiteatro natural, o que concede ao concelho uma insolação excelente.

A zona baixa do concelho, constituída pelos vales dos rios Cávado e Homem e rios afluentes e ainda o vale do Neiva, foi sendo objecto de regularização para cultivo. As construções de habitação e de apoio agrícola constituem um habitat disperso, com grandes casas senhoriais ligadas à agricultura. Ligados a vias de comunicação e a mercados daí inerentes originaram-se pequenos aglomerados de cariz urbano: Vila de Prado, Vila Verde e Pico de Regalados.

A zona da meia encosta assiste a um processo de socaldamento e terraciamento do seu solo, enquanto na zona alta do território, mais montanhosa, a parca existência de solos propícios à agricultura gera o aparecimento de pequenos habitats concentrados, tais como Cabaninhas, Azedo, Mixões da Serra ou Porrinhoso.

## Arquitectura religiosa

### Igreja de Aboim da Nóbrega



A igreja de Aboim da Nóbrega é um notável exemplar de igreja maneirista. Edificada no século XVI, destacam-se a capela lateral de invocação a São Miguel e os tectos barrocos da nave e da capela-mor em caixotões com caixilhos de talha dourada envolvendo motivos decorativos referentes à vida de Jesus e da Virgem Maria, designadamente a coroação e a Assunção ao Céu.

### Igreja de Coucieiro



vários motivos, designadamente animais e vegetais

A sua construção inicial data do séc. XII, tendo passado por várias reconstruções no séc. XIX. Com características românicas, apresenta uma planta longitudinal, com uma nave, uma fachada principal em empena e portal aberto em alfiz, com destaque para as arcaturas românicas e a fina decoração e para as colunas com capitéis decorados com elementos vegetalistas. Nas fachadas laterais, a cachorrada abrange quase todo o templo, decorada com



### Santuário da Nossa Senhora do Alívio

Edificado entre o século XVIII e XX, foi mandado erguer pelo Padre Francisco Fragoas o qual era devoto da Nossa Senhora do Alívio. Este santuário mariano, neogótico, é composto por uma planta em cruz latina, de nave única bastante longa, ladeada por torres sineiras, e cabeceira poligonal envolvida pela da casa das estampas, casa das sessões da confraria e

sacristia.

A fachada principal apresenta-se com panos da nave e torres definidos por pilastras, sendo o pano central

rematado por um frontão triangular, ritmada por gárgulas de canhão e no vértice a imagem da Virgem. O portal principal, em arco quebrado, é formado por quatro arquivoltas sobre colunelos toscanos, enquadrado por pilastras coroadas por altos pináculos e encimado por uma rosácea oitavada, duas torres sineiras com três registos, o primeiro rasgado por janelão em arco quebrado na fachada principal e porta em arco quebrado na posterior, o segundo com relógio de pedra na principal e janela semelhante na lateral e o terceiro com quatro ventanas em arco quebrado sobre colunelos toscanos.

O seu interior caracteriza-se pela existência de seis pilastras, entre as quais se abrem grandes janelões em arco quebrado, que sustentam os arcos que estruturam o tecto em abóbada de berço.

Para além das características arquitectónicas realça-se a peregrinação anual ao Santuário de Nossa Senhora do Alívio, que se realiza todos os anos no mês de Setembro. Esta peregrinação abrange dois fins-de-semana. No segundo domingo de Setembro as pessoas afluem ao santuário por iniciativa própria para participarem nas celebrações. No terceiro domingo de Setembro cada paróquia é convidada a levar a sua bandeira e o seu povo partindo em peregrinação até ao santuário. As freguesias situadas mais a Norte do Concelho saem de Vila Verde e as do Sul partem de Soutelo, convergindo ambas as procissões para o Santuário.

Na Casa das Promessas é possível observar cobras embalsamadas e doadas por fiéis, designadamente uma jibóia capturada no Brasil, em 1818. Reza a história que um emigrante nas Terras de Vera Cruz e natural de Vila Verde, se encontrava na mata a cortar madeira quando, num determinado momento da sua tarefa, se sentiu cansado. Cansado do seu labor, resolveu sentar-se num tronco que mais não era uma jibóia. A aflição motivou um pedido de auxílio a Nossa Senhora do Alívio, prometendo entregar no Santuário a pele daquela cobra se a conseguisse matar, tendo seu pedido sido atendido pela Virgem. Esta jibóia embalsamada pode ser vista na Casa das Promessas a par de outras que foram entregues por antigos combatentes na Guerra do Ultramar.



### **Santuário da Nossa Senhora do Bom Despacho**

Teve como primeiro ermitão João da Cruz, natural de Bela, Monção, que depois de uma doença grave optou por viver no monte de Busto, junto dos penedos de Penaliveira, construindo, em 1640, a capela primitiva em cumprimento de promessa à Virgem. Para tal, aproveitou um abrigo natural entre dois penedos que ainda hoje se conserva e que constitui a capela-mor da igreja. Com o crescimento de devotos a Nossa Senhora do Bom Despacho a capela teve que ser ampliada, iniciando-se a construção do novo templo no último quartel do séc. XVII.

Este santuário mariano, de nave única, e capelas dos Passos adossadas à fachada posterior e lateral, apresenta uma fachada principal simples, rematada por frontão triangular com óculo no tímpano, flanqueada por torres quadrangulares, com portal de verga recta encimado por janelão com vitral. O seu interior apresenta uma riqueza artística notável, com cobertura em abóbada de berço, retábulos laterais de estilo nacional onde estão os esponsais

de São José e Nossa Senhora e no outro, conhecido como altar de Nossa Senhora de Fátima, outra tela com a apresentação do menino Jesus no templo. A talha barroca dos retábulos, de estilo nacional, é excepcional, apresentando diversos motivos como as uvas, as parras, as folhas de videira e os pássaros ou fénices, que simbolizam a eternidade; e os serafins ou meninos.

Importa também fazer referência ao lugar onde está a imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho, a qual se encontra no meio de dois penedos.

### **Igreja de Oriz Santa Marinha**

É possível que tenha sido edificada no decorrer do século XVIII em substituição da antiga igreja românica, da qual apenas restam alguns vestígios. A fachada principal é marcada pela abertura do portal e do janelão do coro, ambos de verga recta. À esquerda, ergue-se a sineira, aberta por dois arcos de volta inteira e dois sinos de dimensões diferentes.

No interior a capela-mor possui um retábulo em talha dourada barroca, de "estilo nacional" e de influência joanina, exuberantemente decorado com



figuras de anjos acompanhando os degraus do trono. O trono é encimado pela coroa de Cristo Rei, sustentada por figuras de anjos, repetindo-se estes símbolos no sacrário e no falso sacrário dos altares laterais. Apresenta ainda tectos em madeira, sendo o da nave central em caixotões, ilustrando motivos vegetais.



### **Igreja Velha / Igreja de São Paio**

Nesta igreja, construída no Séc. XVI, merecem ser destacados os frescos de qualidade na parede fundeira da capela-mor e frontal do altar-mor, representando Cristo ladeado por São Pedro (à direita), com as chaves na mão, e São Paulo à Esquerda, com um livro fechado.

Possui uma planta longitudinal, composta por nave única e capela-mor, e adossados, lateralmente, a torre sineira quadrangular e sacristia, envolvendo o corpo da capela-mor. A fachada principal é simples, em empena rasgada por portal de verga recta, encimado por um janelão. A igreja de São Paio apresenta ainda os altares laterais de talha barroca.

No coração do verdejante e viçoso Minho, o concelho de Vila Verde oferece cenários naturais de grande beleza, o ligeiramente gasoso e delicado vinho verde, bonitas aldeias e artesanato tradicional.

- Interessantes solares e igrejas dos séculos XVII e XVIII, maioritariamente em estilo barroco, podem ser admirados em todo o concelho, tais como as antigas Casas da Câmara de Prado e Moure, a Casa da Torre em Soutelo, a Capela de Santo António na sede do concelho ou a igreja do Santuário do Alívio, também em Soutelo, entre muitas outras.
- Os vales dos rios Cávado, Homem e Neiva, de exuberante vegetação, são conhecidos pelo seu encanto bucólico e também abrigam praias fluviais (como as de Malheira e Faial), apreciadas para a prática de desportos aquáticos, como a canoagem, o remo ou a pesca.
- As zonas montanhosas, densamente arborizadas, oferecem locais tranquilos com vistas esplêndidas.
- Vila Verde é conhecida pela grande qualidade do seu artesanato, nomeadamente pelos típicos «lenços dos namorados», bordados pelas mulheres da região desde o século XVIII para oferecer a eventuais pretendentes, os quais tinham de os usar em público para mostrar que retribuía o interesse.
- A cerâmica local e os trabalhos em vime são também muito apreciados.
- A gastronomia de Vila Verde, tal como em toda a região do Minho, é caracterizada por pratos suculentos como o cabrito assado no forno, os rojões (carne de porco frita com um delicioso travo de cominhos, alho e vinho) ou o típico cozido à portuguesa com a sua variedade de carnes, enchidos, legumes e feijão servidos com o caldo da cozedura.